

Ensino de História da Educação no Brasil: reflexões sobre o perfil de professores e suas metodologias

Sauloéber Társo de Souza *
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro **

Introdução

O texto resulta de investigação desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação (GEPEDHE) e tem como objetivo central promover reflexões sobre o perfil dos professores (as) da disciplina de História da Educação no Brasil, bem como suas metodologias de trabalho.¹

Subsidiados pelo estudo do percurso histórico da disciplina e dentro das possibilidades de análise a partir dos dados encontrados, buscamos enfatizar a cultura profissional² dos docentes por entender que sua atividade representa proposta de aprendizado sobre algo, cujo conteúdo, ferramentas e materiais de trabalho são forjados pelas vivências e modos de fazer do professor. Tal ponto de partida conduz-nos a discussão inicial voltada para o campo da História das Disciplinas Escolares, objeto de estudo de diversos pesquisadores já há algumas décadas, interesse historiográfico articulado às questões da política educacional, mas também de uma renovação teórico-metodológica decorrentes da “crise paradigmática” dos anos 70.

* Graduado e Mestre em História (Unesp-Franca) e Doutor em Educação (Filosofia e História da Educação) pela Unicamp, bolsista em produtividade pelo CNPq.

** Graduada em Pedagogia (UNIUBE), Mestre e Doutora em Educação pela USP. É professora Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia.

¹ O levantamento de dados foi realizado junto a 33 professores (as) no último Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (São Luís-MA, 2010). A aplicação dos questionários cobriu todas as regiões do país e contou com a colaboração das alunas de IC da UFU (Campus do Pontal) que tem apoio da FAPEMIG e do CNPq, a saber: Daiane de L. Silveira, Isaura M. Franco, Jennifer M. Matos e Valéria Lima.

² Segundo Santos (2000, p.67): “toda a cultura profissional passa em primeiro lugar por um processo de socialização profissional. Conclui-se que embora não se possa falar de uma cultura profissional única (pois a cultura profissional varia de país para país, de nível de ensino para nível de ensino, etc.) um dos seus traços mais marcantes tende a ser um forte individualismo, no entanto a identidade profissional dá-se na socialização, é certo que a análise da cultura profissional pode constituir uma questão não consensual, uma vez que é desenvolvida a partir de diversas categorias, e é, no entanto, possível encontrar-se acordo quanto a influência profunda que essa cultura determina no trabalho e no percurso profissional dos professores.”

A partir dos anos de 1970, o movimento de reformulação curricular ganhou prioridade dentro das novas políticas educacionais, de forma que nesse processo, a escola deixa de ser analisada exclusivamente a partir de um contexto macro, de maneira que o conhecimento produzido em seu interior avança nas preocupações dos pesquisadores de vários países do ocidente. Assim:

O cotidiano escolar, as práticas de ensino de professores e alunos e os materiais escolares começaram a ser considerados relevantes no processo educacional e, nesta perspectiva, as disciplinas escolares tornaram-se objeto de investigação, buscando-se justificar ou compreender o papel e o significado de cada uma delas na definição dos novos currículos, e preocupando-se, entre outras dimensões, em identificar e apreender o conhecimento escolar por elas produzido (BITTENCOURT, 1999, p.147)

Entendemos que o estudo da gênese e de diferentes momentos históricos de constituição dos saberes escolares sistematizados em determinada disciplina colabora para a compreensão da cultura profissional dos professores que nela atuam, especialmente, suas opções teórico-metodológicas, determinantes da prática cotidiana no interior das salas de aula. Além dos textos oficiais, deve-se considerar os que são produzidos pela escola, tais como planos de aula dos professores, livros e manuais escolares, cadernos de alunos, provas e avaliações. De acordo com Magalhães (1998, p.14):

... as disciplinas, enquanto domínios do conhecimento científico, autônomos, não apenas não existiam assim arrumadas antes da formação das disciplinas escolares, como na sua constituição o primado da educação supera o da ciência, ...

Portanto, a investigação das práticas no interior das salas de aula revela um novo repertório de saberes não demarcados de forma institucional, porém de grande importância no estudo da cultura profissional do corpo docente que atua em determinada disciplina ou conjunto delas. Para André Chervel (1990) o saber escolar seria fundamental para se superar os pressupostos da idéia de que as mudanças no âmbito escolar teriam início fora dele, pela atuação de elites intelectuais ou pelo poder de Estado.

Aliando os pressupostos políticos aos epistemológicos, Chervel contribuiu para avanços na pesquisa ao demonstrar a ausência de neutralidade nos debates e nos métodos de estudos sobre disciplinas

escolares. A história das disciplinas escolares, segundo Chervel, deve partir de uma concepção de disciplina entendida em suas especificidades, com objetivos próprios, que se articula com os demais saberes mas não forma um conhecimento menor, de segunda classe, e, nesta perspectiva, as pesquisas históricas devem se preocupar em entender suas especificidades e sua autonomia (BITTENCOURT, 1999, p.148).

Nessa perspectiva, entendemos que o nosso trabalho localiza-se no campo de interesse da História das Disciplinas Escolares. O estudo do perfil dos docentes e a identificação de suas práticas nas salas de formação de professores pelo país (sobretudo, nos cursos de Pedagogia) pode mostrar mudanças e permanências de média e longa duração ocorridas no ensino da disciplina de História da Educação nos últimos anos.

Perfil Docente

Pelos dados obtidos é possível afirmar que a feminização dos docentes de História da Educação em nível superior é algo relevante com cerca de 74% dos questionários respondidos por professoras, número acima da média geral do ensino superior, cuja presença feminina ainda não chega a 45%, situação que difere radicalmente dos outros níveis de ensino.³

Embora constatado neste levantamento que as mulheres sejam a maioria no exercício da docência da disciplina de História da Educação, o mesmo não ocorre no Ensino Superior de uma forma geral. Tal evidência tem relação com o surgimento dessa disciplina no contexto de crença no potencial renovador do ato educativo e em meio a atuação dos estados nacionais republicanos para estatização do ensino, na institucionalização da formação de professores, especialmente, pela implantação das Escolas Normais (NÓVOA, 1994). Assim, com o processo de profissionalização do professorado num primeiro momento, e depois com a gradativa feminização do magistério, especialmente, nos cursos de formação de professores, esse espaço, entendemos, acabou se constituindo em um dos primeiros refúgios às mulheres que

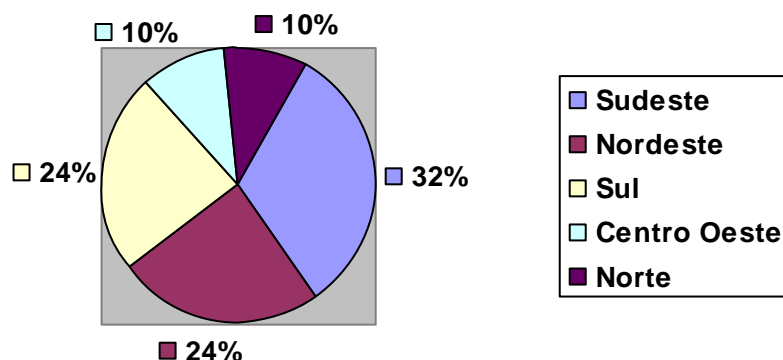
³ O censo do IBGE (2009) mostra que o perfil médio do professor de instituição pública é do sexo masculino, média de idade de 44 anos, brasileiro, com doutorado e regime de trabalho em tempo integral. Nas instituições particulares também predominam os homens, média de 34 anos, brasileiros, com mestrado e regime de trabalho horista — recebem pagamento de acordo com a carga horária e têm como função exclusiva ministrar aulas.

adentravam ao restrito e sexista mercado de trabalho, em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Villela (2000, p.119):

Num espaço de cinco décadas, uma profissão quase que exclusivamente masculina tornar-se-ia prioritariamente feminina, sendo que a formação profissional possibilitada por essas escolas teria papel fundamental na luta das mulheres pelo acesso a um trabalho digno e remunerado.

Em princípio, a feminização do magistério, especialmente na formação de professoras e nas escolas primárias, colocaria as mulheres a serviço da difusão de normas morais dominantes. Mais tarde, esse discurso da moralidade vai assumindo significados diferenciados sob influência dos discursos higienistas, de forma que a imagem feminina na escola vai sendo associada ao lar, à criança e à regeneração de uma sociedade “sadia”. Essa tendência moldaria também o ensino da História da Educação, de forma que essa disciplina se constituiria na reprodução de um conjunto de dados extraídos de documentos oficiais e reunidos nos manuais que circulariam desde o início do século XX pelo país, mas com maior intensidade a partir dos anos de 1930. Essas observações são importantes para compreendermos como a cultura profissional da (o) professora (or) de História da Educação foi sendo constituída em mais de um século de experiências acumuladas.

Retornando ao nosso estudo, os(as) 33 professores(as) entrevistados(as) atuam no ensino de História da Educação em 15 diferentes estados brasileiros, de todas as cinco regiões. A distribuição aleatória dos questionários mostrou certa proporcionalidade no que se refere ao número de instituições de ensino superior no país, ou seja, as regiões de maior população foram mais representadas na pesquisa:

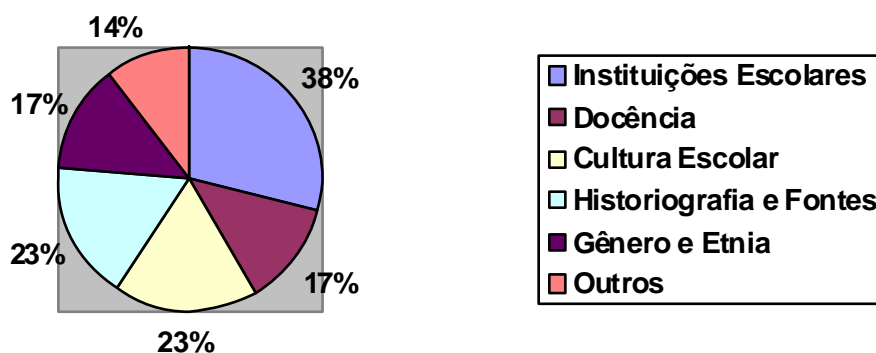


Também podemos fazer referência ao fator idade com média de 45 anos e mais de duas décadas de atuação no ensino superior, contudo, no ensino da disciplina de História da Educação I, essa experiência é relativamente recente, em torno de 8 anos, de forma que 88% dos entrevistados atuam ou atuaram nessa disciplina. Do total dos professores entrevistados 58% atuaram ou atuam na História da Educação II e apenas 32% na HE III, isso pode ser entendido também pela observação dos currículos dos cursos que não contam com todas essas três etapas de forma uniformizada pelo país. Em relação a esses dados, não houve grandes distinções entre as diferentes regiões, variando ligeiramente para baixo ou para cima. O tempo de experiência pode refletir certa renovação no grupo de docentes no ensino da disciplina, em função, entre outros fatores, do crescente movimento de ampliação dos cursos de graduação nas últimas décadas, seja no ensino público ou no privado.

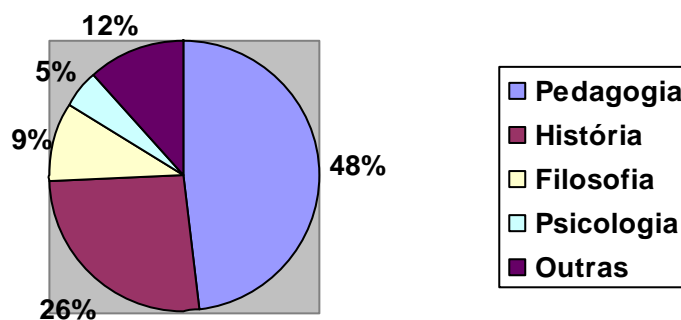
Boa parte deles também atuaram no ensino fundamental e médio (6 anos em média em cada um desses níveis de ensino), contudo, 35% dos professores lecionaram apenas no ensino superior e 30% atuam em programas de pós-graduação. Outro dado importante para a compreensão da cultura profissional do docente de História da Educação é a sua atuação em disciplinas afeitas ao campo, cerca de 47% deles declaram ministrar disciplinas como: Sociologia, Estrutura e Funcionamento do Ensino, História da Educação Brasileira e Fundamentos Histórico-Filosóficos da Educação, entre outras.

Evidentemente, diferenças são perceptíveis em alguns dos dados levantados quando se consideram as regiões de forma separada, porém, nada muito relevante que mereça detalhamento dos dados. Dos entrevistados, 74% atuam em instituições públicas de nível superior, um número que reafirma a pesquisa como princípio fundante dessas

instituições, outra informação que vai de encontra a isso é o levantamento de que 30% dos entrevistados atuam em programas de pós-graduação pelo país e 62% são doutores em Educação, outros 10% são doutores em áreas afins e os demais são mestres e especialistas. A maior parte (70%) também afirmou já ter orientado Monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso no âmbito da História da Educação, de forma que as temáticas desses trabalhos mais lembradas foram:



A formação inicial dos professores demonstra grande diversidade, muito embora, os cursos de pedagogia e de história representem 74% do total, entrevistamos docentes formados em Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Letras, Direito, Física e Educação Física, atuando no ensino da disciplina.



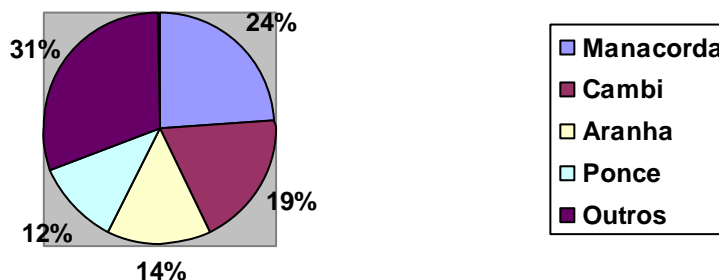
Esses dados também nos suscitam questionamentos tais como: que reflexos a relativa recente atuação desses docentes na área tem para o ensino da disciplina de

História da Educação? A constatação de que os programas de Educação (em específico as linhas ligadas aos fundamentos da educação dentro desses programas) estarem formando os professores de nível superior em História da Educação, tem colaborado para a inserção de novas metodologias de trabalho apoiadas em renovação teórica advinda das pesquisas nos programas de pós-graduação por todo o país?

Metodologias do Trabalho Docente

Acreditamos que um dos pontos de abertura e ampliação das pesquisas e do ensino em História da Educação tem sido sua perspectiva interdisciplinar que colaborou também para o movimento de renovação de suas metodologias. Essa característica fica evidente também, como vimos acima, na própria formação dos professores da área, bastante heterogênea. Contudo, tal amplitude pode representar ao mesmo tempo sua fragilidade e uma gradativa secundarização da mesma no interior dos currículos dos cursos de Pedagogia. Saviani (2008) e Nóvoa (1999), entre outros, têm apontado certa miscelânea bibliográfica no ensino da disciplina, certamente, um dos fatores que contribui para o movimento de esvaziamento da mesma.

No entanto, quando solicitado aos professores a indicação de três autores utilizados na disciplina de História da Educação I, as respostas foram as seguintes em números de citações: 10 – Manacorda, 08 – Cambi, 06 – Aranha, 05 – Ponce e uma outra gama de autores lembrados uma única vez: Saviani, Hilsdorf, Xavier, Baeta Neves, Paiva, Giles, Platão, Aristóteles, Galvão, Homero, Santo Agostinho, Vieira e Luzuriaga. Por esses dados, percebe-se que os *manuals* dentro da disciplina de História da Educação ainda são o fio condutor desse saber escolar, de forma que juntos foram lembrados em quase 70% das respostas obtidas:



Se pudermos classificar as obras acima como manuais, diríamos que são textos que pela sua organização, orientam-se por uma perspectiva cronológica tradicional, cuja visão da história é aquela dividida rigidamente em etapas, o que indica pouca ou quase nenhuma renovação historiográfica ao menos no que diz respeito ao ensino da disciplina de História da Educação I.

Quando indagamos os professores sobre a bibliografia utilizada nas disciplinas de História da Educação II e III, apesar das respostas terem sido em número menor, pois a maior parte dos professores atua na primeira parte da disciplina (reflexo também da organização curricular dos cursos de Pedagogia já que nem todos contam com as três etapas da disciplina), a variedade dos autores lembrados foi bem maior, sugerindo também, uma maior diversificação da natureza das obras, ou seja, a presença dos manuais não é tão evidente: 08 – Saviani, 05 – Romanelli, 03 – Xavier, 03 – Faria Filho, 03 – Veiga, 02 – Bastos, 02 – Mendonça, com uma citação: Arroyo, Del Priori, Thompson, Lombardi, Bonato, Sanfelice, Castanho, Levy Cardoso, Lopes, Biccas, Freitas, Certeau, Santos, Cunha, Góes, Vidal, Gondra, Ribeiro, Chagas, Comenius, Rosseau, Alves, Guiraldelli, Azevedo, Constant, Bencostta, Ginzburg, Carvalho, Gatti Jr, Hobsbawn, Santo Agostinho e Antonil. A intercalação de autores brasileiros aos estrangeiros reflete, naturalmente, o conteúdo próprio a segunda e terceira etapa da disciplina que, em geral, tem como referência a educação brasileira, de forma que a adoção dos trabalhos de pesquisadores cujo objeto é esse, são a maioria, como vimos acima.

A adoção do manual didático revela parcialmente a cultura profissional do professor, já que essas obras constituem-se como verdadeiras *gramáticas*, em geral são portadores de métodos e de técnicas de ensino, além de propor e orientar processos de

avaliação (aqui em específico no caso de Aranha). Todos eles apresentam seleção sistemática de conteúdos, os quais são concebidos articulados aos objetivos de ensino, bem como as finalidades sociais que devem atender. Assim, entendemos que esses manuais seriam mediadores dos processos de ensino e aprendizagem, demarcando-os pedagógica e didaticamente, processos estes constituintes intrínsecos da cultura profissional do docente da disciplina de História da Educação I. A adoção do manual, de certa forma, corrobora para uma padronização do discurso e nos conduz a indagações quanto a formação desses professores, mas também mostra certa homogeneidade na utilização de alguns recursos didáticos, como por exemplo, o recurso ao cinema nessas aulas, citado como instrumento de prática de ensino por 88% dos professores.

Os filmes utilizados na disciplina de História da Educação apontam para um repertório limitado como podemos ver, especialmente, no que se refere a primeira etapa da disciplina (HE I): 06 – O Nome da Rosa, 06 – Em Nome de Deus, 06 – A Missão, 03 – documentários (A Invenção da Infância), e as demais com uma citação: 300, Ágora, Tróia, Lutero, Conrack, A História Oficial, Um Filme Falado, Ao Mestre com Carinho, Giordano Bruno, Inquisição, Tempos Modernos, Desmundo e O Que é Isso Companheiro.

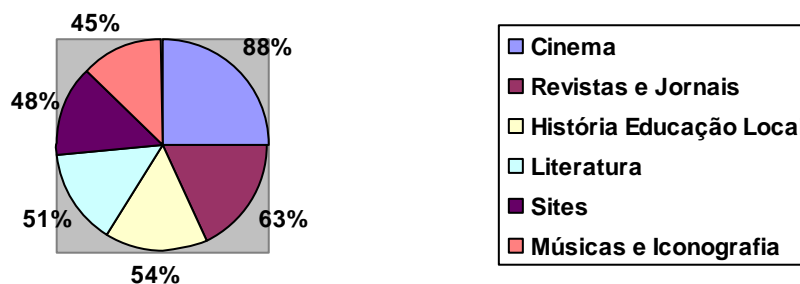
As respostas dos professores em relação aos objetivos da utilização do cinema nas aulas de História da Educação foram muito aproximadas, em geral, percebe-se que os filmes são utilizados com o objetivo de contextualização ou ilustração de determinado período histórico: “contextualizar a Educação”, “diálogo com os textos escritos”, “debates, ilustração, identificação conceitual”, “diversidade na formação”, “apresentar a época”, “relacionar as teorias e afirmações sobre a história com as imagens”, “a representação de outra época”, “auxiliar na compreensão do texto, por conta da linguagem imagética”, “problematizar a história, o trabalho com fontes”, “problematizar e ilustrar os temas”, “contextualizar o período” e “diversificar abordagens metodológicas e motivar”.

Percebe-se acima uma gama variada de intenções com o uso da linguagem cinematográfica na sala de aula, como a intenção de promover formação a partir de linguagens diversas, além de se ter a expectativa de motivação para o estudo da disciplina por meio do cinema. Em uma das respostas reconhece-se que a película é

apenas uma representação de época, e em outra surge a idéia de problematização da história via diversificação de fontes.

Contudo, é importante inferir que a utilização do cinema como recurso pedagógico nas aulas de História da Educação tem apontado para o uso da imagem como ilustração e até reprodução da realidade, quando deveria ser entendida como mais uma representação de determinado contexto, a partir da produção de uma linguagem própria. Isso pressupõe uma série de indagações que vão muito além do glamour visual, de forma que o professor deve passar por um processo de educação do olhar que lhe possibilite "ler" as imagens cinematográficas, antes do uso desse recurso didático. Mesmo reconhecendo que a sociedade contemporânea está absolutamente mergulhada num mundo de imagens, esta é uma proposta de trabalho pedagógico que continua sendo ousada nos dias atuais, já que o uso do cinema como recurso pedagógico deve auxiliar os alunos na interpretação dos fenômenos sociais, sendo entendido também como lugar do imaginário para o ensino da história (NÓVA & NOVA, 1998).

As respostas obtidas em relação ao uso de recursos intertextuais, além de revelarem que o cinema é o recurso mais utilizado (88% dos entrevistados), apontaram para outros, a saber:



Em relação as revistas a mais lembrada foi a Revista Brasileira de História da Educação e em relação aos sites mais visitados foram HISTEDBR e SCIELO Artigos. Os 45% que declararam trabalhar com música e iconografia indicaram a MPB e as imagens dos prédios das instituições escolares, bem como retratos de seu cotidiano. Muito embora, 54% apontaram utilizar textos de História da Educação Local, esses não foram citados no questionário. Por fim, 51% usam a Literatura, especialmente os escritores brasileiros como Lima Barreto e Machado de Assis.

A inserção dos recursos multimídia na cultura profissional do docente da disciplina é uma realidade cada dia mais presente, quase 80% faz uso do aparelho de data-show e do computador em sala de aula. Porém, o retroprojektor foi citado por 42% dos professores o mesmo número daqueles que usam aparelhagem de som nas aulas, e o recurso ao quadro branco ou negro ainda é utilizado por 80% dos professores. Ainda não podemos afirmar que esse dado é mais presente em determinada faixa etária, pois as respostas ainda estão em análise, mas acreditamos que essa variável seja determinante nas práticas docentes dos professores de História da Educação.

Sobre os processos avaliativos, é perceptível sua diversificação: 67% dos professores aplicam seminários (avaliação oral), 63% adotam a prova escrita, 42% indicam aos alunos o trabalho monográfico, 39% solicitam relatórios, 18% realizam a auto-avaliação e outros processos avaliativos somam 29% tais como resumos, portfólio, resenhas, etc. Percebe-se que muito embora exista diversidade nas avaliações, a adoção das avaliações escritas é predominante.

Considerações Parciais

O perfil do docente de História da Educação poderia ser definido da seguinte maneira: do sexo feminino, teria 45 anos, graduada em pedagogia ou história há cerca de duas décadas e ministrando a disciplina de História da Educação I, em instituições de ensino superior públicas há 8 anos em média, onde orientaram monografias e TCC's na graduação vinculados ao campo da disciplina. Doutoradas em educação, também lecionaram 6 anos em média em cada um dos ensino médio e fundamental.

O perfil apresentado acima tem profunda relação com a constituição da disciplina como saber escolar, especialmente, no que tange ao processo de feminização da mesma, já que em seu princípio, a História da Educação surge nos cursos de formação de professores, o Normal, espaço que desde o século XIX seria ocupado pelas mulheres. O olhar sobre as metodologias utilizadas pelos docentes indica tal evidência, ao se constatar, por exemplo, que os manuais continuam sendo utilizados de forma predominante nessa disciplina, uma vez que o manual didático constitui-se como tecnologia educativa, mediadora da relação entre o professor e o aluno, desde o aparecimento da imprensa nos meados do século XV.

O manual didático também é uma expressão do currículo e da disciplina escolar, estando associado à construção da escolarização, desde o nível superior, de origem medieval, à educação secundária desde o século XV, e à primária e à infantil desde o século XIX, demonstrando dessa maneira, a cristalização, especialmente, da disciplina de História da Educação I, quando olhada não pelo seu conteúdo, mas na forma de sua organização baseada na visão tradicional da história. O que buscamos inferir é que mesmo com a utilização de diferentes recursos didáticos, um número restrito de manuais continua sendo a linha mestra da organização desse conhecimento escolarizado, de forma que os ganhos da pesquisa científica nessa primeira etapa da disciplina não são incorporados ao cotidiano escolar. Esse estudo ainda é panorâmico e introdutório, mas como afirmaram Vidal e Faria Filho (2003, p.60):

... investigar as formas como pesquisadores têm dialogado com as várias correntes historiográficas, como marxismo, história cultural, história das mentalidades ou o estruturalismo (e pós-estruturalismo) pode apontar tanto para permanências quanto para acomodações da historiografia educacional a novos referenciais analíticos.

Assim, nossa perspectiva nesse trabalho foi a de levantar algumas especificidades da disciplina a partir do perfil do docente e de suas metodologias, agregando elementos a discussão que tem sido feita, nas últimas duas décadas sobre o provável processo de *secundarização* da disciplina de História da Educação nos currículos dos cursos de formação de professores, o que tem levado a sua simplificação didático-teórica.

Referências

BITTENCOURT, C.M.F. Apresentação. IN CHERVEL, André e COMPERE, Marie-Madeleine. As Humanidades no Ensino. *Educação e Pesquisa*. 1999, vol.25, n.2, pp. 147-148.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Educação Superior*, 2009.

GATTI JÚNIOR, Décio. Investigar o Ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino (séculos XIX e XX). In GATTI, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Câmara

(orgs.). O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional. Uberlândia, MG: EDUFU, 2009, p. 95-130.

MAGALHÃES, Justino. Fazer e Ensinar História da Educação. In. _____ *Fazer e Ensinar História da Educação*. Braga, Portugal, LUSOGRAFE. Universidade do Minho, 1998, p.9.

MONARCHA, Carlos. História da Educação Brasileira: história da formação do campo. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Nascimento et alii (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 125-150.

NÓVOA, A. *História da Educação*. Relatório da disciplina História da Educação apresentado no âmbito das provas para obtenção da agregação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1994.

NOVÓA, Jorge, e NOVA, Cristiane (Org.). *Interfaces da História*. Caderno de Textos. v. 1, n. 1. Salvador: Bahia, 1998.

NUNES, Clarice. O ensino da História da Educação e a produção de sentidos na sala de aula. *Revista Brasileira de História da Educação*. 2003, no. 6 jul/dez, p.115-157.

_____. Historiografia da Educação e Ensino: problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 1, p. 67-79, 1996.

SANTOS, L. *A prática lectiva como actividade de resolução de problemas*. 2000. Endereço Eletrônico: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/tese/C2-CulturaProfissional.pdf> Acesso em junho/2011.

SOUZA JR, M. e GALVÃO, A. M. de O. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. *Educação e Pesquisa*. 2005, v.31, n.3, pp. 391-408.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 23(45): 37-70, 2003.

VILLELA, H. de O. S. O Mestre-escola e a professora. In Lopes, E. M. T.; Faria Filho, L. M.; Veiga, C. G. (orgs.) *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.